

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Estado de São Paulo

Class.: 31

Data: 25/03/75

Pg.: _____

Funai pode punir missão religiosa

ESP 25. 3. 75

Des Correspondentes em
BOA VISTA e MANAUS

Uma visita de surpresa do presidente da Funai, general Ismarth de Araujo, à missão religiosa que assiste aos índios yanomamis, em Roraima, deixou o general irritado e disposto a punir os missionários se "a exploração continuar, com os índios desassistidos e morrendo de fome e tuberculose". Outra decisão da Ismarth de Araujo foi a de apressar os estudos para delimitar, imediatamente, a reserva dos yanomamis.

O presidente da Funai chegou cedo e inesperadamente à Missão Novas Tribos do Brasil,

protestante. Recebido pelo irmão Carlos Zanquini, sua primeira surpresa foi encontrar índios que não falam o português, apesar de manterem contatos regulares com os brancos há 19 anos, e despidos, embora a Funai envie roupas às missões. O irmão Carlos, sem jeito e nervoso, justificou que os yanomamis não se acostumam com roupas. Mas, no meio da conversa, uma pequena índia aproximou-se de um dos membros da comitiva de Ismarth e, através de gestos, pediu-lhe a camisa, indicando que estava com frio.

"Os índios pedem muito e nunca ficam satisfeitos com o que recebem, apesar do meu tratamento paternal para com eles" — investiu o missionário, sem convencer, contudo, pois um diretor da Funai diria mais tarde: "Os missionários não permitem que outras pessoas, estranhas à missão, dêem nada aos índios. Eles fazem isso para que o índio passe a confiar nas suas intenções, nem sempre honestas e reais". Até aí, o missionário esforçava-se em pintar um quadro favorável a seu trabalho, mas o general Ismarth de Araujo já revelava insatisfação e quis ver a grande maloca onde se comprimem os 53 yanomamis.

"Isso aqui é uma imundície, uma vergonha" — foi sua primeira reação. Enquanto percorria a maloca e criticava o que via, Ismarth dava ordens a que providências sejam tomadas. A partir daí, a situação complicou-se mais para o missionário.

— O que os índios produzem? — perguntou o general. O irmão Carlos respondeu:

— Os yanomamis pouco fazem de produtivo, não são agricultores e só trabalham quando bem entendem. E dizem que isso não é permitido pelos espíritos bons. A única coisa que eles fazem são peças de artesanato, as quais são vendidas.

— Vendidas a quem?

— Para nós, porque não são grandes coisas.

— É o dinheiro, para onde vai?

— Vai para o Banco Catrimani.

A inevitável pergunta de que estranho banco era esse, o missionário conduziu o presidente da Funai até um barracão, onde mostrou um fichário, alguns cartões e explicou:

— Fiz esses cartões e toda vez que eles fazem um trabalho, pagam com um novo cartão, que é aberto". No verso

dos cartões, bolinhas vermelhas, amarelas e azuis representam o valor do dinheiro. Seguindo o irmão Carlos, todo índio que trabalha para a missão recebe um dos cartões e, no fim da semana ou do mês, troca-os por presentes, remédios ou roupas — doados pela Funai e pela Central de Medicamentos. O presidente da Funai voltou às perguntas: "E as peças de artesanato?"

Sem saber o que responder, irmão Carlos convidou todos para almoçar.

TUBERCULOSE

Os aborrecimentos do presidente da Funai não acabariam no Catrimania. Na Missão Ajarani, também na zona de influência da rodovia Perimetral Norte, ele comentaria: "Tudo isso aqui foi feito em proveito de terceiros, e nunca para beneficiar o índio". Em Ajarani, os diretores da Funai comprovaram que vários índios estão gripados e outros tuberculosos. Amanhã, o general Ismarth de Araujo regressa a Manaus, de onde comanda o trabalho de quatro equipes que estudam a situação dos índios do Amazonas, Roraima e parte do Pará. Na quinta-feira, será aberto um seminário com as missões para discussão de seu trabalho junto aos índios.